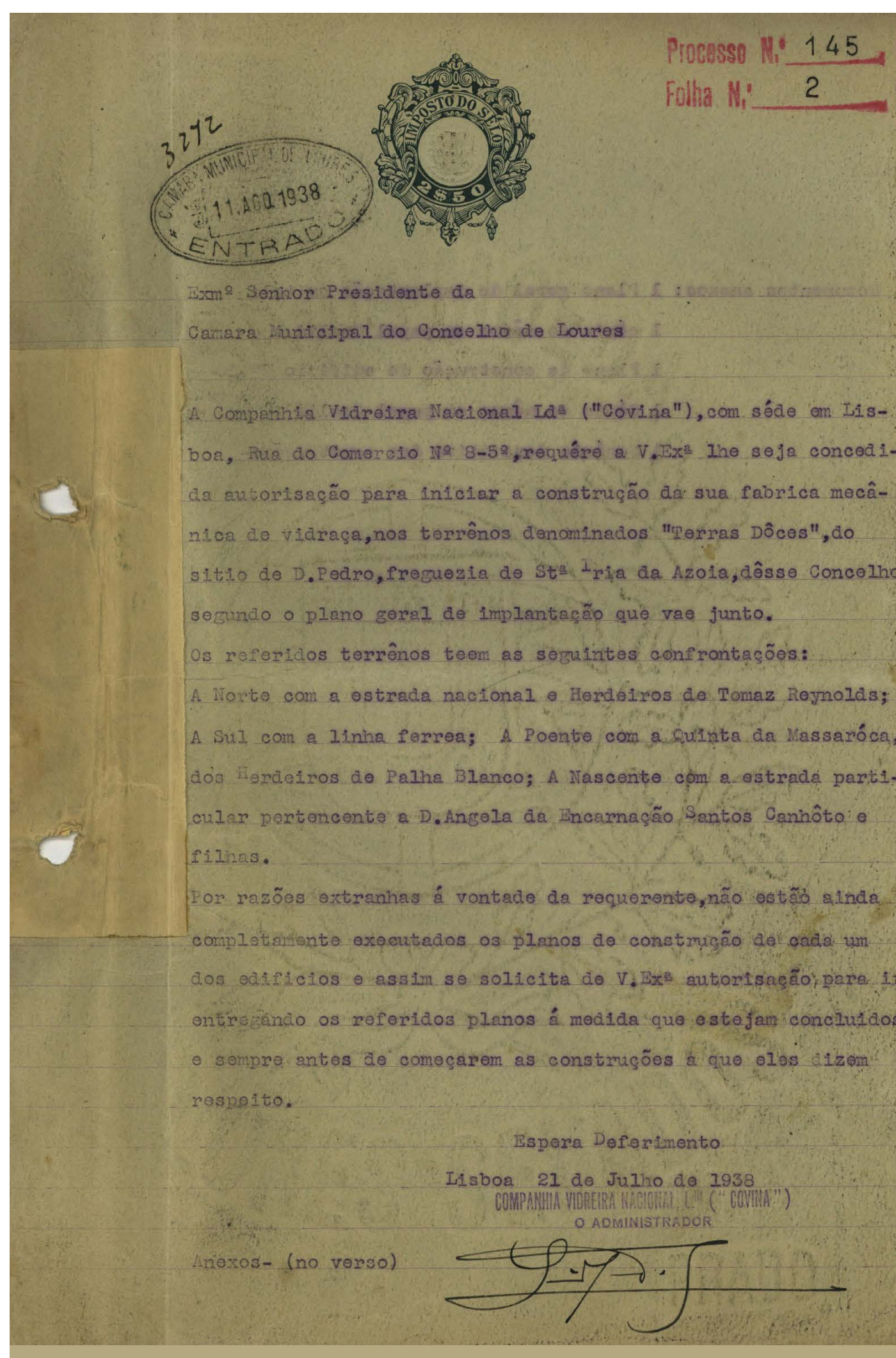


Industrialização e indústria do vidro



Câmara Municipal de Loures, Licenciamento de obras particulares Processo nº 145 (1938). Requerimento da Companhia Vidreira Nacional, Limitada (COVINA) para que lhe seja concedida autorização para iniciar a construção da sua fábrica mecânica de vidraça.

É inegável que no concelho de Loures, pela sua evolução territorial e pela sua posição geográfica favorável, se deu uma parte substancial da industrialização dos arredores da Capital, pertencendo à que viria a ser conhecida no século XX como Cintura Industrial de Lisboa. O ritmo de crescimento populacional dos municípios adjacentes à Capital, a partir da década de 20, ultrapassa o de Lisboa, ocupam-se campos agrícolas com habitação e bordejam-se as estradas com zonas industriais na década seguinte.

Documentada desde o início do século XVI, a produção de vidro em Portugal manteve-se de forma artesanal em pequenas oficinas praticamente até ao século XIX. Necessitando os fornos de madeira e de areia em abundância, da qual é extraída a sílica, foi no litoral e junto de extensas áreas de pinhal que se instalaram as principais indústrias vidreiras, primeiro em Coina e depois na Marinha Grande, onde se encontravam, em 1922, 14 das 36 fábricas de vidro existentes no país.

A concentração da indústria em poucos empresários, a partir dos anos 30, também atingiu a indústria vidreira, assistindo-se a uma diminuição do número de unidades fabris e à especialização das restantes, umas no vidro de embalagem ou garrafaria e outras na cristalaria ou vidro doméstico, mais ainda depois do arranque, em 1941, da fábrica da COVINA em Santa Iria de Azóia, que passou a assegurar toda a vidraça necessária para a produção de vidro plano para a construção civil e para a indústria automóvel até ao final de 2021.